

Estatua equestre de D. Pedro I erigida na praça da Constituição, do Rio de Janeiro

O Brasil pagou já a divida de gratidão nacional ao seu primeiro imperador, o immortal duque de Bragança, proclamador da independencia d'aquelle vasto imperio, erigindo-lhe uma estatua na cidade do Rio de Janeiro, capital da monarchia.

Por vezes intentou o governo prestar a D. Pedro I este tributo de reconhecimento publico, até que uma subscripção nacional o levou a effeito, com a grandeza propria de tão briosa nação.

Foi este monumento posto a concurso em 1856, e adjudicado a M. Rochet, estatuario francez, que alcançou o premio destinado ao artista que melhor desenvolvesse o programma apresentado pe'a academia de bellas-artes do Rio de Janeiro.

A estatua representa D. Pedro I, no acto de proclamar a independencia do imperio, tendo escripto na folha de papel que alça na mão direita: *Independencia do Brasil.*

No pedestal tem quatro grupos decorativos, figurando allegoricamente as quatro maiores provincias do imperio, personificadas no typo das diversas raças que habitam aquellas magnificas florestas. Estes symbolos

humanos são acompanhados por animaes oriundos das mesmas provincias, como o *tamanduá*, o *capybara*, a *tartaruga*, a *flammante*, o *colhereiro*, o *caimão*, o *tapir*, a *arára*, etc. Todos os typos humanos, e os animaes indigenas, foram modelados pelo natural, para o que M. Rochet se dirigiu ao Brasil, e conseguiu dar a este monumento um cunho de verdade e exacção, que grandemente realça a belleza da esculptura.

Estes quatro grupos tem inscripto, por baixo, os nomes dos quatro maiores rios do Brasil: o *Amazonas*, o *Paraná*, o *Madeira* e o *S. Francisco*.

Por cima dos grupos, nos escudetes do friso, estão os nomes das vinte provincias do imperio.

As quatro volutas da cornija tem:

A da frente esta inscripção: *A Dom Pedro Primeiro, gratidão dos Brasileiros.*

Na parte opposta, as armas da cidade do Rio de Janeiro, capital do imperio.

Aos lados, as armas do Brasil realçadas pelos dragões da casa de Bragança.

A estatua, o pedestal e os quatro grupos que o ornam, são de bronze, e levaram 55.000 kilogrammas d'este metal, a saber: 28.000 o pedestal, 12.000 a estatua equestre, e 15.000 os quatro grupos.

O monumento tem de altura, desde o chão até á extremidade do braço do cavalleiro, 15^{m},70, sendo 3^{m},30 a obra de cantaria; 6^{m},40 o pedestal, e 6 a estatua equestre.

Disse a *Illustração Franceza*, quando deu a gravura d'este monumento, que se não conhecia no mundo outro que lhe fosse comparavel, senão o do grande Frederico, em Berlim. Não é exacto, porque a estatua equestre del-rei D. José, erecta na praça do Commercio de Lisboa, é maior que esta do Brasil, pois tem, 6^{m},28.

A inauguração fez-se a 30 de março do anno proximo passado, com toda a pompa e solemnidade. Assistiu a este acto toda a familia real, o corpo diplomatico, o legislativo, a cleresia, os tribunaes do imperio, as deputações de todas as provincias, e as das associações nacionaes e estrangeiras do Rio de Janeiro.

No prestito, entre as alas formadas pelos bispos e os grandes do imperio, iam as seguintes insignias: O manto do fundador do imperio, a espada que elle trazia no dia da proclamação da independencia, no campo do Ypiranga, o autographo da Constituição, o estandarte da independencia, a corôa imperial, e o sceptro.

Foram notaveis muitos dos discursos que proferiram, depois da benção do monumento, os presidentes de diversas corporações da capital e das provincias.

O duque de Bragança, como D. Pedro I, fundador da independencia do Brasil, tem já um perduravel monumento na capital d'aquelle florescente imperio: e em breve, como D. Pedro IV, libertador de Portugal, terá outro não menos glorioso na capital d'este reino.

AO POVO BRASILEIRO

POR OCCASIÃO DA PENDENCIA COM A INGLATERRA

> é santa la guerra
> si lo strazio minaccia la terra
> che per patria l'Eterno ci diè!
>
> GIACOMETTI — *Giuditta.*

I

O despotismo atroz campeia no universo!
Da liberdade a aurora envolve-a negro veo.
Para Roma opprimir, Roma da gloria o berço,
(ó sacrilegio vil), vae-se invocar o ceo!

Aqui geme a Polonia, a heroica, a aventurosa,
sacudindo frements a cadeia brutal!
Além palpita a França, altiva, generosa,
nas garras infernaes da aguia imperial!

A aguia imperial, que outr'ora, astro fulgente,
reflectia nos ceos da gloria o resplendor,
hoje sabe insultar o leão do Occidente,
prostrado á beira-mar, sem forças, sem valor!

Escravos, que hasteaes a tricolor bandeira,
bandeira liberal, que um despota aviltou,
folgae! que um feito egual na terra brasileira
no leopardo inglez nodoa eterna estampou!

Hoje sois vós, irmãos, as victimas sublimes,
ás faces do oppressor cuspindo o feito vil!
A historia citará, narrando grandes crimes,
o opprobrio da Inglaterra, a gloria do Brasil!

Ergueu-se um povo inteiro á voz de liberdade!
O valor portuguez em juvenil nação
brilha com mais fulgor! Sublime heroicidade!
ardente faz pulsar de um povo o coração!

II

Quando a Europa escravisada,
curvada aos pés do oppressor,
contemplava deslumbrada
a estrella do vencedor!
sómente no mundo absorto,
que arquejava semi-morto
aos pés de Napoleão,
surgia, dizendo guerra,
a bandeira da Inglaterra
da liberdade o pendão!

Ao som do hymno guerreiro,
os cerrados esquadrões,
passavam no mundo inteiro
calcando aos pés as nações;
mas, quando um povo opprimido
soltava immenso gemido
no frémente agonisar,
surgia, vermelha aurora,
a bandeira vencedora
d'Aboukir e Trafalgar!

Agora tremendo crime
mancha da gloria o fulgor!
O leopardo sublime
mudou-se em vil oppressor.
Ó façanha gloriosa!
a uma nação generosa
quer levar a escravidão!
mas ao colosso dos mares
responde a voz dos palmares
rugindo contra a oppressão!

Responde a chamma da gloria
accesa nos corações!
Falla a esp'rança da victoria
nas sublimes tradições!
E o mundo clama espantado,
vendo o Brasil denodado
pisar a affronta brutal:
«Nas praias do Novo-mundo
«surge o leão moribundo,
«surge o velho Portugal!

Lá onde o sol mais ardente
inunda os ceos de fulgor,
onde a natureza ingente

canta as glorias do senhor,
onde as florestas grandiosas
nas palmeiras magestosas
tem gravada a mão de Deos,
lá onde o homem se inclina,
lendo a epopéa divina
nas igneas letras dos ceos!

onde a voz da tempestade,
rugindo nos furacões,
faz echoar «liberdade»
pelas vastas solidões,
onde a mão da Providencia
orna a florida existencia
d'aureo risonho matiz,
o amor da patria é sagrado,
e um povo livre e ousado
a ninguem curva a cerviz!

Se acaso mão estrangeira
quer manchar vosso brazão,
surgi, patria de Vieira [1]
surgi, briosa nação!
Em vossos filhos valentes
veja o mundo os descendentes
dos heroes de Diu e Ormuz!
Evoque-se a antiga fama!
Resurja a patria do Gama
nas terras de Santa-Cruz!

Lisboa, fevereiro de 1863. M. PINHEIRO CHAGAS.

[1] João Fernandes Vieira, o heroe de 1640.

O MORGADO DE RUIVÃES

DEDICADO A CAMILO CASTELLO BRANCO

(Vid. pag. 7)

II

Assistia em seu palacio, ao succeder o que vou referindo, o conde de..., pessoa já de annos, casado com senhora tão mimosa de formosura, e prendada de taes dotes que ninguem ousava dizer d'ella senão com prologos de encarecimento, posto que, como o vulgo em tudo rossa, corriam atoardas inimigas de sua fidelidade conjugal.

Sobre este ponto não darei voto, que isso me não compete, se bem que a senilidade do conde, e a juventude da condessa, me estejam assegurando não serem taes murmurações isentas de fundamento.

Que era formosa a ponto o disse, e já considero quão mal avisado andei em o dizer, que isto de belleza em mulheres é coisa de costa acima como materia de embicar. E porque não agrada o mesmo a todos em geral, antes o que a uns apraz a outros dissaboreia, claro fica não estar fazendo officio de encarecer tropeços que de si se deixam ver.

Ora concordados em tão agro assumpto, qual este me quer parecer, benevolentissimo leitor, terei um pouco mais de afoiteza em aclarar, qual seja meu intimo, no que toca a perfeições femininas.

São, em meu entender, olhos formosos, parte mui essencial em rosto de mulher, quer seja bem ou mal talhado, porque se mal, menos se attenta ao que é fealdade, com o sentido encadeiado no que mais sobresae, se bem, recebe d'elles maior realce.

Eram os da condessa de mui negra côr, bem fendidos, brilhantes e aveludados. Ora chispavam como a dizer muita ardencia, ora se anuveavam de geito a inspirar melancolias, e a arrancar prantos do coração. Em tudo mais se observava rara conformidade, como quem fôra especialmente dotada da natureza.

Casára-se Maria (este era seu nome) não de vontade, que não era o conde pessoa pára atear chammas de amor em peitos juvenis, mas por ir conforme a desejos de seu pae, expressos a horas do eterno apartamento. Que é estilo disporem paes de filhas sem apalpar corações, nem metter mão em seu animo, coisa sempre perniciosa em maus fructos a lustre de familias, como d'esta historia se ficará entendendo.

Não sabia o conde que fazer para captivar sua mulher, e com estas vistas a trazia por saraus e festas.

Adregou que fossem corridos toiros por pessoas de qualidade, ou fosse corrida de fidalgos a beneficio do asylo de indigentes, e tocou logar ao conde. Foi, que era muito do gosto da condessa tão galhardo passatempo.

Ia quasi finda a tarde, e bramia na praça o derradeiro toiro, formoso bicho das mais estremes manadas do Ribatejo.

Dos homens de forcado nenhum ousava arrostar com elle á conta de sua muita ferocidade.

Advinha á braveza do animal ter já expellido a embolação, de sorte que trazia as pontas nuas de todo o resguardo.

Aguilhoavam-no com as compridas varas para o encurralar, arremettia; davam saída aos cabrestos para se ir com elles, fugia-os; arremessavam-lhe o laço, evitava-o.

Clamava a turba, vozeava a auctoridade, ordenando que porfiassem em o colher, eis que de subito desce á arena incognito moço, põe de parte o chapeo, chama com palmas a attenção do bicho, aguarda-o impavido, e estreita-o nos herculeos braços, que não houve mais o toiro mexer-se.

Foi o pasmo geral, e todo o amphitheatro rompeu em louvores á coragem do destemido. Entretanto era o boi acercado dos que haviam irrompido em auxilio, e levado de choldra para o curro.

A condessa, antes do que fica relatado, fitára no moço por vezes os olhos esplendorosos, e não logrou esquivar-se a admiral-o, que era avantajado de sua figura.

Tambem elle a considerou, e se não foi logo captivo, a meu ver, não deixou de idear em sua mente quão grato lhe seria cair nas boas graças d'ella.

Foi caso da condessa o estar contemplando, quando, já impaciente por ver que todos se acovardavam do animal, arremessou comsigo ao circo, sem dar aso a que o atalhassem, que ninguem alli vae para cortar temeridades, antes muitos as estimam para mais gozarem.

Entendeu no que se ia a obrar, e temeroso da sorte d'elle, que são faceis as mulheres em apiedar-se de alheias desgraças, velando o rosto, se recolheu para o fundo de sua tribuna.

Como augmentasse a grita, cuidou ser morte ou ferimento de homem, e, mui apavorada, caíu em desfallecimento.

Espalhou-se logo a nova do deliquio, porque a condessa era mui conhecida, e o conde, desvairado, levantára vozes a pedir soccorro.

Estou que o leitor entreviu já quem fosse o agarrador do toiro; mas tambem sou a pensar que ainda não atinou por que artes o morgado, merencorio qual era, se recobrou de animo, e saíu para assistir á corrida.

Jazia de feito mui dissaboreado em seu cogitar, quando lhe foi dito pelo famulo que ia celebrar-se festa de toiros mui farta em pompas, por ser de fidalgos, como dos pregões se deixava ver.

Perguntou o dia, e tanto que soube que n'esse mesmo era, por horas de tarde, deliberou-se sem mais detença.

Redundou o passo em muita fama de coragem para Mascarenhas, e logo d'alli se foi de todos estimado e conhecido, que o não deixaram afastar-se sem declarar quem fosse, ao que tornou nomeando-se com ampliações de sua fidalguia e riqueza, como soía.

Não lhe escacearam d'ahi em diante amigos, pois dispendia largo e a frouxo, e o tinham por homem pecunioso. E isto basta hoje em dia, que tem o oiro virtudes que mudam desconhecidos em amigos.

Informaram-no, como se occupassem da toirada, que a condessa desfallecêra, e que muitos eram accordes em deitar o successo á conta d'elle, acrescentando, que entre ambos se davam secretas relações de amor.

Escusou-se Mascarenhas com afiançar que de tal condessa não dava relação, pois era de pouco vindo á capital, e até áquelle ensejo ninguem logrära conhecer. Houveram a desculpa por manha, e foram-se confirmados dar vulto a temerarios juizos.

Ardia entretanto o morgado em desejos de ter conhecimento de quem fosse a condessa, onde habitava, e se sería a formosa dama que na toirada para elle estivera attentando; mas não se afoitava a tirar informes, temeroso de engrossar suspeitas.

Calava portanto com magoas de seu coração, por ver que se gozava da fama sem o proveito, soffrendo a condessa em sua honra. Conjunctamente a buscava nos sitios onde havia affluencia de gente, fiado que a encontraria.

Volveram dias sem colher fructos do pesquizar incessante, e já andava minguado em haveres, consequente de muito liberalisar, pois a tal se cria obrigado por não desdizer de sua pessoa e bens, quando, indo de caminho em uma rua, avistou a condessa em seu coche com o marido.

Viu-o ella, porque Mascarenhas cavalgava o esbelto rosilho, e como habil cavalleiro que era, o sopeou, instigando-o com os acicates a formar airosos corcovos ao pé do coche, por alardear pericia em equitação.

Tornou o morgado a enxergar que a condessa se comprazia em o contemplar, e pelos signaes que lhe haviam ministrado, memorando quanto o distinguíra na tarde de toiros, para si tinha não andarem de todo errados em seu conceito os que a ella attribuiam mal disfarçado amor, e que a condessa de... e sua incognita dama eram uma e a mesma mulher.

E como reflexionasse d'est'arte, retrocedeu, que logo foi sua tenção não a perder de vista antes que soubesse onde assistia; e com este fito acompanhou de longe o coche até o ver parar, descer-se d'elle a condessa, e o conde ir a seu destino, havendo-a saudado.

Dissimulou Mascarenhas, mettendo o ginete a passo, como quem ia de passeio, por não querer apartar-se d'alli sem ter logrado seu intento, que consistia, consoante referimos, em saber ao certo se era ou não sua aquella pousada.

E isto houve por modo mui facil, que foi assomar a dama á janella sem mais adornos do que os que é costume usarem as senhoras de portas a dentro, de onde tirou por conclusão que assistia no palacio, e se foi jubiloso e seguro do que víra.

A ninguem deu a saber o que succedêra, pois o instincto o amoestava a que se guardasse de confidencias nocivas a causas de amantes, e a bons exitos de amorosas paixões.

Tambem não entrou em extremos de desasisado, que tem isso o amor comsigo; ou apara e desbasta naturezas de si rudes, ou leva a razão a quem a tem, e deixa loucos os que o não são.

III

Ao cabo de mez girava a horas de meia noite perto do palacio do conde um vulto de homem mui embuçado em seu capote.

Primeiramente olhou certa janella que se via entreaberta, como quem contava que lá estivesse alguem. Como não estava, arredou-se para onde a rua era mais opaca, e ahi começou a andar de um para outro lado, evidenciando impaciencia em seus gestos.

Não durou isto muito, que o encapotado, ao que parece, se accordára com pessoa de casa, fosse quem fosse, por quanto, lobrigando que lhe faziam signaes da parte de cima, e não os distinguindo bem por ir a noite nebulosa, e ser pouco entendido na chirologica arte, caminhou até ficar cosido com a parede do edificio, e ahi escutou o que da janella lhe foi dito.

Depois de se entenderem, o que levou alguns minutos, porque o encapotado a modo que oppunha suas razões ao que lhe diziam, partiu-se este, e a janella foi cerrada.

O encapotado era Mascarenhas, e a pessoa que se entendêra com elle a aia da condessa. O que ambos praticaram facil é de antever.

Tinha Mascarenhas a entrevista concedida, para o que se lhe havia assignalado a hora da meia noite. A aia, da parte de sua ama, despedíra o morgado, allegando que a senhora era acompanhada de visitas não esperadas.

Chegou a Mascarenhas no outro dia secreto recado da condessa, que fosse aquella noite, sem falta, e que a houvesse por mui pezarosa do desaguisado da vespera.

Foram mais verdes esperanças premio ao morgado das que antecedentemente sentíra murchar; e como fosse grande sua impaciencia, deu-se pressa em ir.

Largo espaço vagou antes que houvesse monção de entrar; mas tanto que soou a hora, não tardou em apparecer a aia, e em o conduzir, a recato de famulos, á sala onde a condessa o estava aguardando.

Instantes havia que ambos colloquiavam quando a aia appareceu mui açodada, gritando que o conde era chegado, pois o víra da janella estar abrindo, cauteloso, a porta que deitava para o jardim.

Não foi causa a nova de que a condessa ficasse atalhada e sem conselho, pois logo lhe acudiu com que encontrar o mal, que foi esconder Mascarenhas na casa onde a aia pernoitava. E isto se fez.

O conde foi direito aonde sua mulher usava seroar. Deu-lhe as boas noites, e tomou assento fronteiro a ella. A condessa estava senhora de si, como se nada fosse. O marido não despregava suas vistas de sobre ella, e bem de ver é que luctava com duvidas. Ao cabo de momentos de silencio, poz-se a pé de golpe e saíu-se rapido.

Encaminhou-se ao aposento da aia. Era a porta cerrada. Mandou que fosse aberta. Respondeu ella que era molesta. Insistiu. Tornou que erá já accommodada. Teimou que se levantasse.

Descerrada a porta, entrou o conde. Deu com os olhos em Mascarenhas e não disse nada. Com um gesto indicou que o acompanhassem ambos. Assim foi. Desceu socegadamente com elles ao jardim, atravessou-o, abriu a porta por onde havia entrado, e apontou-lhes a rua. Saíram, e a porta rangeu segunda vez em seus gonzos.

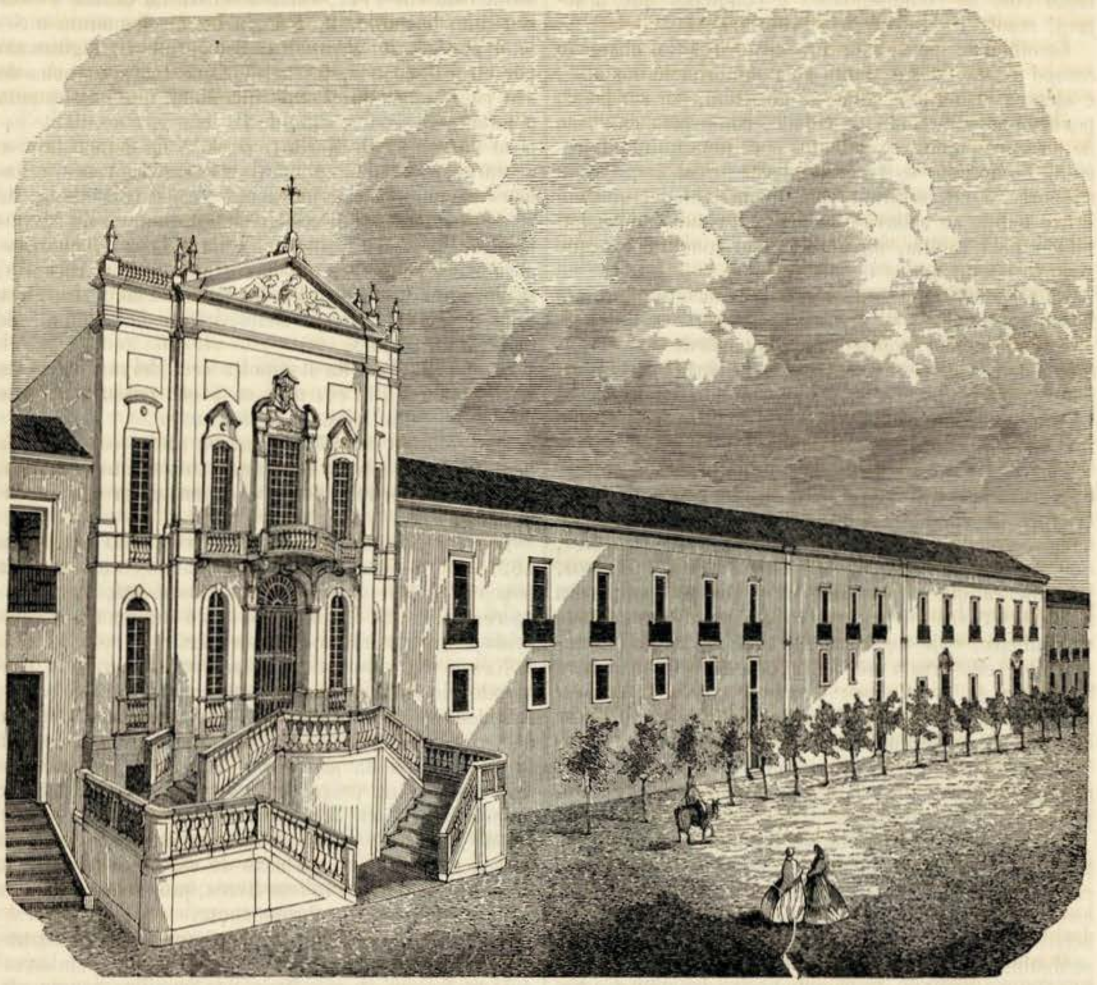
Em breves termos explicarei a abrupta apparição do conde, e quaes razões houve para proceder da fórma que vimos.

Era elle mui inteiro e crente de seu caracter. Da mulher, não só não suspeitava, senão que tambem a tinha em modelo a esposas, no recato, no amor a marido, e no mais que exigir-se póde a uma dama. Nunca reflectiu que era velho, e menos que esta qualidade podia desagradar á condessa. Ciumes tambem os não tivera, que até alli não víra de que os ter. Por não dizer mais, a fidelidade de sua mulher era-lhe ponto de fé.

Ora, homens casados que tem cega confiança nas esposas, não perdem essa confiança sem primeiro estar convencidos de que não devem mais tel-a.

Foi o que succedeu ao conde. Casualmente recolhia mais cedo do que era estilo, n'aquella noite, em que Mascarenhas não logrou entrar. Ao aproximar-se da casa, viu que um sujeito estava parado debaixo das janellas, e quiz parecer-lhe que se dirigia a pessoa que de cima o escutava. Cessou de andar, prestando ouvidos. Inutil foi a sua attenção, que nada concluiu. Escoou-se o vulto, e o conde deixou-o ir. Não pensava, não sentia, estava á mercê da estupefacção que o assenhoreára, e nem já atinava com o que era mister fazer para andar.

Tanto que tornou em si, entrou em grandes impetos de colera, e caminhou alguns passos na provavel intenção de cevar na condessa o rancor que lhe ia dentro, mas deteve-se.



Palacio da Bemposta

Mui naturaes são hesitações em quem, como o conde, ama a mulher. Por isso não ousava deliberar-se, receioso de errar, e com o erro levantar discordias onde, até ao presente, o viver fôra doce paz e continuo deslisar de celestiaes gozos.

Como fizesse tacitas reflexões sobre o que podia ser, veiu-lhe á memoria a aia da condessa.

Que maior ventura póde ser concedida a maridos em analogas circunstancias, que a de ter portas a dentro pessoas estranhas para as quaes declinem as suspeitas?

Abraçou o conde a ultima idéa, com a ancia de quem se sente prestes a afundar-se, e vê luzir-lhe subita esperança de salvação, a que se apega sofrego.

Mais afoitado, depois de afugentar desconfianças nocivas a sua mulher, e por em quanto injustificadas, guardou para a seguinte noite vigiar, e n'este intuito calou, e se foi de dia ao jardim, como a passeio, e lá se muniu da chave de que o vimos servir-se.

Conhecidos são do leitor os consequentes de tudo. Tornemo-nos ora para o morgado, que deixámos na rua acompanhado da aia, depois de haver sido expulso de palacio pelo conde.

(Continúa) MATHEUS DE MAGALHÃES.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

PALACIOS REAES

PALACIO DA BEMPOSTA. — A rainha de Inglaterra D. Catharina de Bragança, filha del-rei D. João IV de Portugal, passados 7 annos depois de enviuvar de Carlos II, regressou á patria, atravessando França e Hespanha.

Entrou em Lisboa no dia 20 de janeiro de 1693, no meio de grandes festas e regozijos. El-rei D. Pedro II, seu irmão, foi esperal-a ao Lumiar; e d'alli a condu-

ziu com luzido sequito até ao palacio de Alcantara, que se achava preparado para aposento da rainha.

D. Catharina esteve pouco tempo em Alcantara, por não gostar ou não se dar bem no sitio. Primeiramente foi morar no palacio dos condes de Redondo, a Santa Martha; depois no dos condes de Soure, á Penha de França; e d'este passou para o dos condes de Aveiras, em Belem, que, mais tarde, foi comprado por seu sobrinho, el-rei D. João v, e agora é o paço real de Belem.

Cançada de tantas mudanças sem achar uma habitação com as commodidades e condições que desejava, resolveu edificar casa propria.

Escolheu-se para esta fundação o sitio chamado *campo da Bemposta*, tanto pela salubridade dos ares, e alegres vistas que então se gozavam, por ser pouco povoado aquelle lado da cidade, como pela extensão de terrenos planos, excellentes para uma quinta de regalo. Comprados os terrenos necessarios, começaram as obras e progrediram com tal actividade, que em breve tempo se achava o palacio em estado de ser habitado pela rainha, ainda que não concluido, o que só teve effeito annos depois.

Os terrenos para a edificação do palacio e da quinta foram comprados a diversos proprietarios. Os que possuiam a principal propriedade, composta de casas grandes e de outras pequenas, com uma horta, parte morgado, parte bens livres, chamavam-se Placido Castanheira de Moura, e D. Francisca Pereira Telles, sua mulher.

Fazemos menção d'isto por julgarmos ser objecto de curiosidade a seguinte declaração e condição da escriptura da venda e subrogação da referida propriedade: «Foi dito pela dita D. Francisca Pereira Telles, que seu pae, o contador-mór Luiz Pereira de Barros, lhe dissera que na occasião dos motins [1] recolhêra nas ditas casas em parte occulta, grande quantidade de dinheiro, cujo logar constava das letras de um annel, que elle trazia no dedo; ordenava que na hora da morte se lhe tirasse; e porque o dito annel desapparecêra, e o dito dinheiro se não achou, no caso que em algum tempo appareça, e se descobrir, lhe ficará pertencendo a elles vendedores *in solidum*, ou a seus herdeiros e successores, assim o outorgaram, pediram e assignaram.»

Apesar de que a rainha de Inglaterra dispunha de grossos rendimentos, pois que o governo inglez lhe ficou dando a avultada pensão annual de trinta mil libras esterlinas, segundo as disposições do seu contrato nupcial, nem o palacio, nem a capella, nem a quinta, se distinguiram por sumptuosidade de architectura. Porém nas proporções e accommodações dos edificios havia grandeza que não desdizia do estado devido a uma rainha viuva.

N'este palacio recebeu D. Catharina por vezes, no anno de 1704, a visita do archiduque de Austria, Carlos, que, sendo pretendente ao throno castelhano por morte de Carlos II, veiu a Lisboa, e aqui residiu alguns mezes com o nome de Carlos III, rei de Hespanha. Este principe chegou a ser acclamado em Madrid, logo que esta capital foi tomada pelo exercito portuguez commandado pelo marquez das Minas, mas pouco se gozou do seu titulo de rei. Fallecendo seu irmão, o imperador José II, cingiu a coroa imperial da Allemanha com o nome de Carlos VII.

Duas vezes teve D. Catharina a regencia do reino, assistindo no seu palacio da Bemposta. A primeira em maio de 1704, quando el-rei D. Pedro II partiu para a Beira, a fim de se pôr á frente do exercito portuguez, e em companhia do archiduque de Austria e das tropas alliadas, dar principio á guerra chamada da successão de Hespanha. A segunda vez no anno seguinte por occasião de uma grave doença, que padeceu aquelle monarcha.

Fallecendo a rainha D. Catharina a 31 de dezembro d'este mesmo anno de 1705, legou todos os seus bens a el-rei D. Pedro, seu irmão. Assim veiu para a coroa o palacio e quinta da Bemposta, que D. João V doou em 1707, anno da sua elevação ao throno, á casa do infantado, em favor do infante D. Francisco seu irmão.

Morou alternadamente o infante D. Francisco no palacio da Corte Real, e no da Bemposta. Por sua morte, acontecida em 1742, estabeleceu-se no ultimo d'estes seu filho bastardo, D. João, a quem chamaram o *Senhor D. João da Bemposta*. Este principe, legitimado por elrei D. João v, foi herdeiro de todos os bens de seu pae, menos da casa do infantado, que passou para o infante D. Pedro, filho de D. João v, e ao diante esposo da rainha D. Maria I. D. João da Bemposta teve os cargos de capitão general das armadas reaes, e galeões de alto bordo, mordomo-mór, e conselheiro de estado e guerra. Foi casado com a duqueza de Abrantes, D. Maria Margarida de Mello e Lorena, que desposára em primeiras nupcias o marquez de Abrantes, D. Joaquim Francisco de Sá Almeida e Menezes, e era filha de D. Rodrigo de Mello, irmão do III duque de Cadaval, D. Jaime.

Morreu D. João da Bemposta sem deixar successão no anno de 1780 em uma casa que possuia no sitio da Ajuda, onde habitava ultimamente.

O terremoto de 1755 arruinou muito o palacio da Bemposta, e a capella ficou quasi totalmente destruida. Depois tudo foi reedificado a expensas da casa do infantado.

El-rei D. João VI, no seu regresso do Brasil em 1821, foi habitar no paço de Queluz; mas passado pouco tempo veiu residir no da Bemposta, ao qual os successos de 24 de abril de 1824 deram triste celebridade na historia contemporanea.

N'esse dia viu-se aquelle soberano sem corte; separado violentamente dos seus mais fieis servidores; abandonado de outros, e não sómente quasi solitario dentro d'aquellas paredes, mas preso no seu proprio paço! A tropa da guarnição de Lisboa, que não estava reunida na praça do Rocio sob o commando do infante D. Miguel, cercava todas as avenidas do palacio da Bemposta para impedir que entrasse ou saísse pessoa alguma. Sob pretexto de salvar el-rei de uma conspiração dos predreiros livres, projectava o partido absolutista o seu desthronamento.

Ninguem ignora que obstou á realisação d'este trama o corpo diplomatico, especialmente o embaixador de França, barão Hyde de Neuville, a quem D. João VI por este grande serviço creou marquez da Bemposta, titulo que hoje desfructa seu sobrinho.

Ainda não eram bem passados dois annos, quando este monarcha falleceu no paço da Bemposta, no dia 10 de março de 1826.

As senhoras infantas, acabado o nojo, mudaram-se para o palacio da Ajuda, e aquelle ficou em completa solidão. Porém d'ahi a sete annos viu-se animado de improviso com o bulicio de uma corte militar. S. M. I. o duque de Bragança, regente do reino em nome de sua augusta filha, a sra. D. Maria II, logo que chegou a Lisboa no dia 28 de julho de 1833 foi occupar o paço da Bemposta; do qual passou para o das Necessidades em setembro d'esse mesmo anno.

Sendo extincta por este tempo a casa do infantado, foram novamente encorporados nos bens da coroa o palacio e quinta da Bemposta. Nos fins do reinado da sra. D. Maria II foi cedido á eschola do exercito, que ahi se estabeleceu, e se conserva, e a quinta foi annexada ao instituto agricola para os estudos praticos da agricultura.

O palacio da Bemposta, chamado vulgarmente *paço*

[1] Provavelmente foram os tumultos de 1663 a que o povo chamou o santo motim, os quaes narrámos a pag. 185 do IV vol. do *Archivo*.

da Rainha desde o tempo da sua fundadora, não tem belleza, nem magnificencia. A simplicidade desengraçada do seu exterior reina absolutamente no interior. Todavia tem algumas salas, que por sua grandeza seriam magestosas, quando, segundo o costume praticado em os nossos antigos paços reaes, se ataviavam de custosas sedas e brocados, e de ricas tapeçarias as paredes e sobrados que ora vemos nús.

Não se póde dizer o mesmo da capella. Na reconstrucção melhorou bastante, principalmente na frontaria, que, se não é sumptuosa, não lhe faltam comtudo certa elegancia e riqueza. A sua architectura guarda boas proporções, tem ornatos bastantes, e convenientemente distribuidos, e offerece aspecto agradavel. A cantaria de que é construida a fachada é excellente, e está lavrada com perfeição.

É dedicado este templo a Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem se vê pintada no retabulo da capella-mór. A imagem da Virgem é obra do pincel de José Throno, nascido em Turim, e ajustado em 1785 por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, nosso embaixador n'essa corte, para vir a Lisboa retratar a familia real. Porém os retratos da rainha D. Maria I, e dos principes, que estão no mesmo quadro, da rainha Santa Isabel, e de S. João Baptista, foram pintados por F. Hichey, pintor inglez, que vindo a Lisboa de passagem para a India em 1793, taes creditos alcançou aqui de retratista insigne, que teve de se demorar um anno para concluir as obras de que o encarregaram.

As estatuas em marmore, que decoram o vestibulo da capella, devem-se ao cinzel de José d'Almeida, e Joaquim José de Barros Laborão, ambos os quaes são contados entre os melhores esculptores portuguezes. D'este ultimo artista é tambem o baixo relevo que adorna o tympano da frente do templo.

Na sacristia ha paineis de André Gonçalves, que são estimados pelos entendedores. Este pintor, fallecido de edade avançada em 1736, foi discipulo de D. Julio Cesar de Femine, genovez, e na opinião de alguns dos nossos mais celebrados professores, excedeu o mestre na graça e brandura da sua maneira, imitando a Conca e a Massucci no colorido, e a Maratta nas roupas.

Aquelles paineis foram feitos para a capella, e ahi estiveram até que esta foi destruida pelo terremoto. Ficando illesos, passaram na reedificação do templo para a sacristia.

Na mesma occasião tambem foi transferido para esta casa um bello quadro, geralmente attribuido ao Grão Vasco, que representa Nossa Senhora com o Menino Jesus, e varias santas virgens. Todavia ha quem diga, que as cabeças d'estas são retratos da familia de Thomaz Moro, o celebre chanceller de Henrique VII, rei de Inglaterra; e que o painel teve por auctor o insigne Holbein. Em qualquer dos casos é obra de grande apreço. Este quadro faz parte actualmente da galeria de pinturas do paço de Nossa Senhora das Necessidades.

Possue a capella magnificas alfaias e vasos sagrados. Na sua instituição era servida por doze capellães, que ao diante foram augmentados em numero, e elevados á dignidade de conegos, sendo presididos por um arcebispo *in partibus infidelium*. De vinte que foram, estão reduzidos a um.

A quinta da Bemposta é muito extensa, attenta a sua situação dentro da cidade. El-rei D. João VI projectou fazer-lhe grandes melhoramentos para recreio; porém os cuidados e desgostos, e logo após a morte, obstaram a taes projectos. Apenas se chegou a construir um bello tanque de marmore, ornado com quatro excellentes bustos, maiores que o natural, representando as quatro estações do anno, feitos pelo habil esculptor Faustino José Rodrigues.

Presentemente é uma quinta experimental, onde o instituto agricola e escbola regional de agricultura de Lisboa ensáia os novos instrumentos de lavoira, e os modernos processos de cultura.

É, finalmente, n'esta quinta que se está edificando o magnifico hospital mandado fundar pelo nosso chorado monarcha D. Pedro V, á custa do seu bolsinho, e em memoria de sua virtuosa esposa, a sra. rainha D. Estephania.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

47.º

DA VERDADEIRA OU FALSA VILEZA DOS TERMOS

Somos instados para fazer um escolio de palavras e phrases, que, por sua *plebeidade* ou *vileza*, não podem ter cabimento no estilo grave.

Funda-se tão onerosa instancia, em que os diccionarios da nossa lingua notam de *chulos*, *baixos*, *burlescos*, *plebeus*, etc., muitos termos que os escriptores de boa nota empregam hoje em assumptos graves, e até na alta poesia.

É certo que nos diccionarios vem acoimados muitos vocabulos com esses epithetos, ainda do tempo em que se chamava estilo *culto* á excogitação de palavras e phrases exoticas, com absoluta exclusão dos termos vulgares e mui expressivos do nosso opulento idioma, como se póde ver no celebre tratado das *Enfermidades da lingua*, publicado em 1759.

Hoje a linguagem vae-se democratisando; e assim como já não ha a distincção de artes liberaes e artes servis, tambem os vocabulos vão recobrando os seus antigos fóros. Todos os que não forem torpes ou sordidos devem ter o seu logar na escripta e na falla, adequados porém aos assumptos e genero de que se tratar.

Bocage, com mais concisão e elegancia que Horacio, nos deu o preceito n'este admiravel quarteto da *Satyra contra Elmiro:*

Co'a materia convem casar o estilo.
Levante-se a expressão se é grande a idéa;
Se a idéa é negra a locução negreja;
E tenue sendo, se attenue a phrase.

O escolio que se nos péde não é coisa que se faça n'um jornal; nem teria o prestimo que se lhe suppõe. A attenta leitura dos bons modelos de estilo e linguagem, que nos não faltam, antigos e modernos, é que nos deve servir de guia para escrever com decoro e propriedade de phrase.

E além d'estes, bom será tambem consultar, discretamente, os auctores que trataram d'este assumpto.

D'elles faremos alguns extractos, em beneficio dos estudiosos que os não possuirem, nem podérem havel-os.

Entre em primeiro logar o insigne philologo portuguez, Antonio das Neves Pereira, auctor do *Ensaio critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores do seculo* XV *e* XVI, *e deixaram esquecer os que depois se seguiram até ao presente*. Publicado em 1793, no t. IV e V nas *Memorias de litteratura portugueza*, pela academia real das sciencias de Lisboa.

«Não se perdem os vocabulos pela muita frequencia do seu uso, antes é esta a que mais os fixa e estabelece. Não são elles (segundo alguns dizem) como a moeda, que pelo muito manejo se desgasta, simile falso e mal applicado a este proposito. A interrupção do uso dos vocabulos é a causa principal de perderem

o seu lustre e estimação, até, finalmente, ficarem em esquecimento. De outra sorte, se unicamente o muito uso podesse aviltar as palavras, já hoje não teriamos os vocabulos *sol, planta, luz, flor*, etc., tão quotidianos e triviaes. Todas teriam caído em baixeza, tendo durado tantos seculos desde que ha portuguezes e monarchia, tendo primeiro nascido em outras linguas.

Mas se muitos termos se julgam baixos e despreziveis, só por serem velhos e desusados, outros ha cujo uso se perde, não por vileza que n'elles haja, mas sim por uma idéa phantastica de baixeza que os homens lhes imputam.

Vê o povo que os doutos, nos livros que escrevem, e a gente polida, na sua conversação, misturam certos termos alheios ao fallar commum, acaso por serem mais adequados ao seu pensamento e á materia de que tratam, ou porque lhes occorreram primeiro, talvez sem serem melhores que os que são correntes. Mas como os inscientes sempre suppõem que a gente instruida tem razão para se exprimir melhor que elles, levados da curiosidade de fallar bem, ou da vaidade de quererem disputar aos sabios o primor de fallar, como aos ricos disputam ás vezes o de galear, usurpam-lhes as palavras de que elles usam, correm essas palavras com preferencia, e os idiotas [1], tornando-se criticos da lingua, facilmente desdenham das que deixaram, e brevemente se perde o seu uso.

Nem isto é uma supposição chimerica, mas verdade deduzida da experiencia. Viam-se antigamente até os barbeiros e os escudeiros fallar latim em portuguez, porque ouviam clerigos e letrados que usavam de palavras alatinadas, com que se haviam familiarisado pelo commercio dos livros, as quaes ás vezes não eram melhores nem de maior valor que as familiares de que usa o commum. Hoje vemos outros taes fallar francez em portuguez, porque as pessoas com quem tratam, pela lição de livros francezes, ou de traducções afrancezadas, tem contrahido o habito de empregar nos discursos que fazem, as palavras d'aquelle idioma que lhes ficaram ligadas ás idéas, e os vocabulos proprios do nosso idioma, de que usaram louvavelmente nossos avós, essas expressões energicas, auctorisadas nos bons escriptos de Sousa, Andrade, Vieira, e outros d'este merecimento, vão perdendo fortuna sem outra causa mais do que a novidade das substitutas, o gosto extravagante dos que as introduzem, e a leviandade dos que as seguem. De maneira que, se alguma vez apparecem, já os mancebos lhes chamam gothicas, rançosas, e as desprezam por baixas e rasteiras.

É observação verdadeira em todas as linguas e povos cultivados, que não ha coisa que tanto deslustre um discurso polido como a phrase baixa e rasteira, de sorte que, geralmente fallando, mais supportavel será um pensamento baixo fallado em termos nobres, do que um pensamento nobre representado com palavras baixas e triviaes.

Ora de dois modos podêmos considerar as palavras plebéas: umas por serem desfiguradas e corruptas, quaes são muitas que a gente da plebe perverte, como *cofarte*, por *que farte*, quando dizem *tem cofarte dinheiro:* outras pela significação com que se attribuem a objectos de idéas disformes e ridiculas. As primeiras são sempre, e seguramente, palavras plebéas; as segundas tem sua duvida.

É certo que em todas as linguas não ha palavras, que por si mesmas sejam vis ou baixas: 1.º porque, em quanto aos elementos physicos de que se compõem, são meros sons, e quaesquer palavras consideradas em quanto sons, não podem ter baixeza; 2.º em quanto ao fim para que foram instituidos, são uns sons significativos tão dependentes do arbitrio humano, como os geroglificos, ou como os caracteres algebricos. Não tem, pois, em si mesmo vileza alguma que lhes seja inherente. Logo, se alguma vileza podem contrahir, é adventicia, e procede, não das idéas que ellas exprimem, mas das que os homens pretendem excitar por meio d'ellas, referido-as a objectos que, por supposição, são vis.

Ora estas idéas de baixeza, que envolvem muitos vocabulos, pela relação dos objectos significados, variam nas linguas segundo a diversidade das nações, dos costumes, institutos e capricho dos homens, e por isso, em todas as linguas ha palavras vis de puro capricho, e as que n'umas se tem por vis, n'outras são isentas da nota de baixeza ou vileza.

Muitas coisas havia entre os orientaes que se não tinham por vis, e o são para nós, e communicou-se ás palavras a vileza attribuida aos objectos, como podem observar os que tem alguma lição de Homero. Mas vejo criticos que atrevidamente culpam a locução baixa da poesia de Homero, e se atreveriam tão airosamente a criminar similhante baixeza nos livros das divinas Escripturas.

Sirva de exemplo a palavra *asinus*, asno, que para os latinos, como para muitas das nações modernas, é palavra vilissima, principalmente para os francezes, que são, de todos os povos da Europa, os mais melindrosos n'este ponto, como elles mesmo confessam; e ainda entre nós asno, está no mesmo grau de vileza que as palavras *burro, besta*, e outras taes; sendo que o vocabulo que exprime aquelle animal, nem no grego nem no hebreu é infamado, antes n'estas duas linguas entra nos discursos sublimes.

Á palavra *porcus* não lhe valeu, para escapar á aversão dos romanos, o significar esse animal bem conhecido, que a superstição gentilica consagrava em certos sacrificios, e foi preciso a Virgilio formar o vocabulo novo, *porca*, que os latinos nunca ouviram, para não deslustrar o seu poema com o nome vulgar *porcus*, que se julgava indecoroso e vil, como observaram Servio e Quintiliano n'aquelle verso do poeta: *Cæsa jungebant fœdera porca.*

Os rusticos entre nós, bem se sabe que, receiosos de peccar contra a urbanidade, estendem na sua pratica esta idéa phantastica de baixeza a muitos termos, que, na opinião da mesma gente polida com quem fallam, não tem baixeza nenhuma. Não nomeiam *sem licença de vossa mercê ou vossa senhoria* os seus bois, o seu cavallo, a sua egua, etc.; e até ás vezes esse mesmo salvo conducto acompanha outros taes termos como, *cevado, bácoro, cochino;* e chega o escrupulo n'alguns até ás palavras *mangedoira, albarda, córte, cevada*, etc.

O que mais é, tal termo do mesmo significado é vil n'uma lingua, e outro não o é. Os francezes tinham *ouailles*, derivado do latim *ovis*, como nós ovelha; mas veiu por tempo a cair em tal baixeza, que o não consentem em estilo culto, nem ainda no pastoril o soffrem: renunciaram-no aos discursos da religião, e só aos que estão sujeitos aos pastores da egreja chamam *ouailles:* em qualquer outro uso serve o mimoso termo *brebis.*»

Tal é a opinião do erudito academico Antonio das Neves Pereira, exposta na citada *Memoria*, e capitulo que tem a denominação que pozemos a este artigo.

Vê que elle propõe a rehabilitação de muitos termos que no seu tempo andavam averbados de vis e plebeus, sem fundamento, por alguns escriptores mais amigos de innovações superfluas, que sabedores da indole e vernaculidade da lingua portugueza.

N'outro capitulo aponta varios termos tachados de plebeus e rasteiros, sendo aliás empregados por auctores classicos em assumptos graves.

D'este capitulo trataremos no seguinte numero, com um addiccionamento de que necessita.

[1] Idiota aqui toma-se na accepção primitiva, que é, aquelle que sabe o seu idioma.